

# IMAGENS DA GUERRA: UM BREVE ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DA GUERRA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO E *O CONTINENTE*, DE ÉRICO VERÍSSIMO

Profª Doutoranda Lisângela Daniele Peruzzo (USP)<sup>1</sup>

## RESUMO:

*A presente comunicação, ligada à área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH – USP, buscará analisar comparativamente as diferentes formas de representação da guerra no romance moçambicano *Terra sonâmbula* e no romance brasileiro *O continente*, parte da trilogia *O tempo e o vento*. Para tal, centraremos nossas análises no trabalho dos autores com a temática da guerra em suas obras e na forma como os mesmos inserem-na em um contexto social específico.*

## PALAVRAS- CHAVE:

Literatura – Comparatismo - História – Sociedade – Guerra

Nossa comunicação fará uma aproximação entre as imagens da guerra veiculadas nas obras ***O continente***, de Érico Veríssimo, 1949, e ***Terra sonâmbula***, de Mia Couto, 1993, procurando através da temática fixar o tipo de relação que se estabelece entre a representação literária e a vida social no momento da abordagem dessa temática pelos dois escritores. Nossa análise buscará assento na linha bakhtiniana, que encara o romance como uma forma plurilíngüe por excelência e, portanto, que traz em si uma multiplicidade de vozes que constrói o todo, o qual pode representar a história distante da formação do Brasil ou ainda uma sociedade que busca entender-se após grandes transformações sócio-políticas. É essa multiplicação de vozes que, a nosso ver, cria as imagens da guerra, tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distintas, que aqui mostraremos.

Embora a temática da guerra seja histórica por excelência, notamos que apenas o romance do escritor gaúcho atende plenamente à tipologia de romance histórico defendida por Lukács (1983). Este define o romance histórico como a coordenação entre uma forma emergente e um novo tipo de consciência: um novo senso de história e uma nova experiência da historicidade. Para ele, nessa forma específica de romance os personagens historicamente reais são secundários e, via de regra, desempenham uma função secundária na ação propriamente dita. O que define o caráter histórico da obra não é, pois, a distribuição entre figuras decalcadas num modelo real e as puramente imaginárias, mas a intenção de problematizar a História tornando-a um tema ou, pelo menos, uma preocupação explícita do narrador.

Nesse sentido a trilogia ***O tempo e o vento***, de Érico Veríssimo, escrita entre 1949 e 1962, enquadra-se perfeitamente na tipologia prescrita pelo teórico húngaro, ao figurar a formação do Rio Grande do Sul e, por consequência, do Brasil, trazendo à cena tanto personagens ficcionais como reais e problematizando a questão dos conflitos ocorridos

---

<sup>1</sup> Doutoranda da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (liperuzzo@uol.com.br)

em determinada época. No entanto, a obra **Terra sonâmbula**, de Mia Couto, embora fale sobre um período da recente história moçambicana, a guerra civil travada entre 1976 e 1992, não apresenta as características tipológicas descritas por Lukács para seu enquadramento na categoria de romance histórico. Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de os personagens históricos estarem ausentes na narrativa e o aspecto central da trama serem os efeitos da guerra nas pessoas. Parece-nos clara e incontestável, no entanto, a intenção do autor de fazer de sua literatura uma nova forma de se enxergar a África e suas especificidades, mas, principalmente, de trazer ao centro de sua obra a problemática da guerra em sua terra natal. A partir desses fatos, então, passaremos, em nossa análise, a aproximar as duas obras como se ambas fossem romances históricos, já que Mia Couto nos traz um novo senso histórico e nos convida a vivenciar a História de uma forma nova.

Apoiar-nos-emos, ainda, na visada comparatista de Cláudio Guillén (1985) que aponta para a existência de “temas de longa duração”, ou seja, temas que são recorrentes em várias épocas e lugares do globo. Assim, trabalharemos de modo a dar visibilidade à pluralidade de significados de um mesmo tema que pode ocorrer pelo distanciamento temporal e/ou pelas diferenças espaciais de nação a nação, ou seja, os diferentes modos de valorizar e viver a vida cotidiana. Parecem-nos claras as diferenças genéticas entre as duas obras, uma vez que o escritor gaúcho recorreu ao estudo e à pesquisa histórica, enquanto o autor beirense tem a história ao abrir as portas de sua própria casa.

Depois de colocadas as nossas diretrizes teórico-metodológicas, partiremos para as especificidades de cada uma das obras, traçando seus pontos de encontro e de distanciamento, salientando mais uma vez que o foco de nossa análise está na multiplicidade de vozes que encontramos nos dois textos.

O romance do escritor gaúcho, **O continente**, traz a palco uma série de conflitos internos e externos travados na região sul do país entre 1745, quando os Sete Povos das Missões estão sendo ameaçados pela execução do Tratado de Madri, que entrega à Coroa castelhana a região colonizada pelos jesuítas, e 1895, ocasião da Revolução Federalista na qual o Rio Grande separa-se em dois blocos: os seguidores de Júlio de Castilhos, líder republicano, e os de Gaspar Silveira Martins, líder federalista. Ao mesmo tempo traça a história da formação da família fictícia Terra-Cambará.

Já o romance do escritor moçambicano, **Terra sonâmbula**, leva-nos a um período não precisamente marcado da guerra civil moçambicana na qual se confrontam a Frelimo (Frente de libertação de Moçambique) e a Renamo (Resistência nacional moçambicana), cada uma movida e provida por interesses externos e internos os mais variados e, ao mesmo tempo, coloca no centro da narrativa a história do povo que sofre com essa guerra, através de personagens ficcionais.

Alguns aspectos importantes da constituição desses romances devem chamar a atenção em nossa análise.

Primeiramente, o fato de cada um dos romances dividirem-se espacial e temporalmente em pelo menos dois momentos. Em **Terra sonâmbula**, a história divide-se entre o momento presente, no qual é contada a trajetória de Muidinga e Tuahir, e o momento passado ao qual temos acesso pelas anotações dos cadernos de Kindzu. **O continente** apresenta treze divisões espaço-temporais que se alternam entre o passado e o presente da formação do Rio Grande do Sul e da família Terra-Cambará, no entanto, utilizaremos basicamente o recorte das sete partes da divisão “O Sobrado”.

O segundo elemento constitutivo importante na nossa perspectiva é o ponto do qual a guerra é observada, ou melhor, sentida, que não é o ponto de vista dos que nela lutam, mas sim dos que sofrem com ela. No caso do romance do escritor gaúcho, temos as mulheres que ficam na terra como as grandes defensoras da célula familiar que, na

visão do autor, é essencial para a formação não só quantitativa, mas qualitativa da sociedade. Como ilustra a fala da personagem Maria Valéria em resposta ao primo e cunhado Licurgo em determinado momento do cerco ao Sobrado na Revolução Federalista

- Ter filhos é que é negocio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. – Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra. ( VERÍSSIMO, 2004, vol.1, p.32)

No caso do escritor moçambicano, temos a presença do velho e da criança como aqueles que sonambulam por sua terra, largados à própria sorte, ou seja, o passado e o futuro da sociedade encontram-se ameaçados nessa figuração.

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. (...) A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas (...) Aqui, o céu tornara-se impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem de morte.

(...)

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranqüilo. (COUTO, 1995, p.09)

Além desses dois aspectos, há ainda outro bastante relevante na aproximação dos dois romances: a maneira como são visualizados os episódios de guerra civil. Estes se evidenciam, sobretudo, nas sete partes de “O Sobrado” e na história de Muidinga e Tuahir. Os dois narradores, em terceira pessoa, caminham próximos de seus personagens de forma a passar ao leitor as exatas sensações que estes vão vivenciando.

Em “O Sobrado”, o narrador de Érico Veríssimo, através do uso do discurso indireto livre, nos apresenta a recepção do cerco ao Sobrado por parte de cada um dos personagens ali encarcerados. Chama a atenção, em especial, a visão do idoso, representado pelo recluso Florêncio Terra

Aos poucos os móveis e os vultos da sala se vão delineando mais nitidamente aos olhos de Licurgo, já habituados à penumbra. Ele caminha na direção do sogro, e diz em voz baixa:

- A cousa parece que é pra esta madrugada.

-Que cousa?

- O nascimento da criança.

- A Maria Valéria já me tinha dito.

Silêncio. Florêncio pigarreia. O genro sabe quanta falta ele sente do cigarro e do chimarrão. Mas não diz nada, nunca se queixa, e esse discreto silêncio é o que mais irrita Licurgo.

- Então?

- Então o quê?

No tom de voz do velho há um mal disfarçado ressentimento.

(...)

- Olhe, Licurgo, vassuncê tem só quarenta anos. Eu tenho quase sessenta e cinco. Já vi outras guerras. Tudo isso passa. A revolução termina, os federalistas e os republicanos ficam alguns meses ou anos um pouco estranhos, mas o tempo tem muita força. Um dia se encontram, fazem as pazes, esquecem tudo. Todos são irmãos. Mas a vida duma mulher ou duma criança é coisa muito mais importante que qualquer ódio político. (VERÍSSIMO, 2004, vol.1, pp.35-36)

a visão da mulher, figurada na amargurada Maria Valéria,

(...) O mais que poderiam fazer por ele agora seria dar-lhe cachaça. Mas a caninha terminou... Há outra solução: cortar-lhe a perna. Mas quem vai atrever-se a fazer isso a frio, sem os instrumentos apropriados? O melhor mesmo talvez seja meter uma bala na cabeça do coitado, para ele não sofrer mais. Maria Valéria estaca de repente junto da porta, como se a mão do horror de tal idéia a tivesse detido. Santo Deus, como é que posso pensar numa coisa dessas? A revolução está mudando todo o mundo. As pessoas não são mais as mesmas. Não há mais bondade. Não há mais paciência. Não há mais... ( VERÍSSIMO, 2004, vol.1, p.37)

a visão das crianças, encarnada em Rodrigo e Toríbio Cambará

Um silêncio. Toríbio revolve-se na cama, com a impressão de que tem areia nos olhos.

- Será que vem tiroteio hoje? – pergunta o outro.

- Ora, vamos dormir.

- Mas será, hein?

- Se vier a gente ouve.

- Bio...

O mais velho não responde. Rodrigo agora está deitado de costas, de olhos fechados, pensando nas muitas coisas que o preocupam. Por que será que os maragatos pararam de dar tiros? Por que estão agora tocando gaita? (...) Mas que barulho é esse?

Um ruído surdo e cadenciado. Rodrigo fica de ouvido atento. Sempre temeu que um inimigo traiçoeiro pudesse aproximar-se da casa no escuro e atirar uma bomba aqui dentro. O coração começa a bater com mais força. Ele imagina tudo... O homem, o lenço vermelho no pescoço, poncho e barba comprida... A bomba é redonda, preta, com um pavio, bem como uma que ele viu numa figura... O inimigo vem se arrastando, devagarinho. Decerto está já debaixo do coqueiro. Agora pula o muro... Está perto da janela da varanda...Bate a pedra do isqueiro para acender o pavio. Vai atirar a bomba...

- Toríbio!

Sacode o irmão pelos ombros.

- Que é?

- Estás ouvindo um barulho?

- Estou.

- Que será?

- Bobalhão! É a cadeira de balanço da vó Bibiana.

- Será mesmo?

- É, sim. Dorme! (VERÍSSIMO, 2004, vol. 1, pp.39-40)

e, sobremaneira, o ponto de vista da matriarca da família Terra-Cambará, a nonagenária Bibiana Terra Cambará

Sozinha no seu quarto (...) a velha Bibiana espera (...) Quando as balas partiam as vidraças ou se cravavam nas paredes, ela tinha a impressão de estar vendo – não! –, de estar ouvindo uma pessoa de sua família ser fuzilada pelos inimigos. Medo não sentiu, isso não. teve dó. E ódio. Estragarem o Sobrado desse jeito! Mas guerra para ela não é novidade. Tudo isso já aconteceu antes, muitas, muitas vezes. Viu guerras e revoluções sem conta, e sempre ficou esperando. Primeiro, quando menina, esperou o pai; depois, o marido. Criou o filho, e um dia o filho também foi para a guerra. Viu o neto crescer, e agora o Licurgo está também na guerra. Houve um tempo em que ela nem mais tirava o luto do corpo. Era morte de parente em cima de morte de parente, guerra sobre guerra, revolução sobre revolução. Como o tempo custa a passar quando a gente espera! (VERÍSSIMO, 2004, vol.1, p.40)

Todas essas formas de ver a revolução que os enclausura contrapõem-se enfaticamente à maneira como Licurgo, o líder de Santa Fé, dos republicanos e do Sobrado, encara o cerco

(...) Licurgo está tomado por um sentimento de revolta ante a enumeração de desgraças que a cunhada acaba de fazer com um ar de quem acha ser ele o único culpado de tudo.

(...)

- Mas que querem que eu faça?

- Já lhe disse mil vezes. Bote uma bandeira branca na frente da casa, peça trégua, diga que é pra salvar a vida dum cristão. Não. De dois. Chame o doutor Winter. Ele pode trazer remédios para Alice e os petrechos pra cortar a perna do Tinoco.

- Já lhe disse que não peço favor a maragato.

- Prefere então deixar aquele coitado apodrecendo aos poucos lá na despensa?

- Não prefiro coisa nenhuma. Guerra é guerra.

(...)

- Ouça o que lhe digo. Ainda há tempo de salvar o Tinoco.

- Milhares de homens têm morrido nesta revolução por causa de suas idéias. A vida duma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias. (VERÍSSIMO, 2004, vol.01, pp.199-200)

Em **Terra sonâmbula**, a maneira de encarar a guerra civil é bastante próxima dos primeiros personagens citados de **O continente**. O narrador criado por Mia Couto transporta-nos para uma situação em que os homens não se compreendem, mas lutam em seu íntimo para manter o mínimo de humanidade que ainda lhes é possível. Observemos como isso se dá pelas falas dos quatro personagens centrais da obra.

Nos cadernos de Kindzu observamos a conversa tensa entre Farida e Kindzu que mostra os efeitos da guerra nas atitudes das pessoas e na determinação de seu futuro. A

primeira deseja sair de África, mas antes quer encontrar o filho perdido. O segundo quer encontrar uma nova África, um motivo pelo qual lutar

Certa vez ela chegou grave. Colocou suas mãos nas minhas e deixou um silêncio pousar. Depois, me pediu:

- Quando saíres daqui quero que vás procurar meu filho. Hei - de levar Gaspar comigo.

- Não posso, Farida. Vou sair daqui e procurar os naparamas.

- Tu nunca mais encontra esses teus naparamas. Esquece isso.

- Não posso.

- Não vês que essa gente também é filha da guerra? Quando vencerem ficam iguais aos outros. Vão querer dividir as vantagens com os outros.

- Cala-te, tu não sabes nada sobre esta guerra. Tu queres fugir, não tens nenhum direito de falar.

(...)

Eu precisava acreditar que existia uma causa nobre, uma razão pela qual valia a pena me entregar. Farida não tinha o direito de manchar aquela crença. (COUTO, 1995, pp. 113-114)

Minha companheira comentava quase nada as realidades da vida corrente. Fantasiática, tudo para ela ocorria no além-visto. Só uma vez beliscou o assunto da guerra. Me inquiria como se habitasse um outro país:

- Essa guerra algum dia há-de acabar?

Acenei que sim. Mas meu coração se pequenou, constreitolho. Farida queria conhecer mais: saber o motivo da guerra, a razão daquele desfile de infinitos lutos. Lembrei das palavras de Surendra: tinha que haver guerra, tinha que haver morte. E tudo era para quê? Para autorizar o roubo. Porque hoje nenhuma riqueza podia nascer do trabalho. Só o saque dava acesso às propriedades. Era preciso haver mortes para que as leis fossem esquecidas. Agora que a desordem era total, tudo estava autorizado. Os culpados seriam sempre os outros.

- Pode acabar no país, Kindzu. Mas para nós, dentro de nós essa guerra nunca mais vai terminar. (COUTO, 1995, p.126)

Atenção especial deve ser dispensada à maneira como os personagens que estão “no agora” da história contrapõem-se, em certa maneira, aos personagens que figuram no centro das narrativas de Kindzu. Isso se deve ao fato de os focos narrativos serem distintos, terceira e primeira pessoa, respectivamente, e também pela relação que os personagens estabelecem com a situação da guerra. Kindzu quer lutar por sua terra, quer transformá-la tem em si o mesmo ardor do pai que dera ao filho mais novo o nome de Vinticinco de Junho, o dia da independência. Assim, entra em um conflito interno em busca do melhor a fazer.

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios. No princípio só escutávamos as vagas novidades, acontecidas de longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa nossos próprios dentes para nos morder.

Seu veneno circulava agora em todos os rios de nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos.(COUTO, 1995, p. 19)

Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos naparamas. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiças. Já me via, tronco despido, colares, fitas e feitiços me enfeitando. Sacudi a idéia, tocado pelo medo. Eu me dividia entre a escolha de um destino de briga e a procura de um cantinho calmo, onde residisse paz.(...)

Qualquer que fosse minha escolha uma coisa era certa: eu tinha que sair dali, aquele mundo já me estava matando.(...)

Saí pelo fresco da manhã, a curar-me das noturnas visões. Fui ao centro da aldeia, à grande sombra do canhoeiro. Lá sentavam os mais velhos, de manhã até de noite. Eu queria ouvir suas antigas sabedorias. Disse-lhes que queria sair, juntar-me aos guerreiros naparamas.Os velhos nada falaram.ficaram mastigando o tempo, renhenhando. Um deles, por fim, se abriu:

- Meu filho, os bandos têm serviço de matar. Os soldados têm serviço de não morrer. Nós somos o chão de uns e o tapete dos outros.

- Não é mais uma razão para que juntar aos guerreiros blindados?

- Deixa a guerra, filho. A morte só ensina a matar. (COUTO, 1995, pp.34-35)

Tuahir e Muidinga, no entanto, estão sonâmbulos em sua peregrinação: manterem-se vivos é a única ambição que têm.

...Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

- Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.

- Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?

- Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade.

(...)

- Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?

- Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?

(...)

- Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo. (COUTO, 1995, pp10-11)

Notamos, portanto, uma forte ligação entre os romances – os mais fracos esperam daqueles que têm o poder uma solução para a situação conflituosa. Em **O continente**, as mulheres, as crianças e os velhos põem-se a aguardar a atitude de Licurgo Cambará. Em **Terra sonâmbula**, Muidinga e Tuahir, através da leitura dos cadernos de Kindzu buscam encontrar respostas que os tirem da situação de sonambulismo a que estão presos. Mia Couto e Érico Veríssimo convidam-nos a observarmos essas imagens e a

agirmos como elementos de difusão de um humanismo que, no mundo atual, parece estar se perdendo nas pequenas guerras cotidianas que nos tornam apenas sonâmbulos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1988.
2. COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
3. GUILLÉN, Claudio. *Entre lo Uno y lo Diverso - introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Cútica, 1985.
4. LUKÁCS, Georg. *The historical novel*. University of Nebraska Press. 1983.
5. VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento – O continente*. São Paulo: Cia das letras, 2004.